

BUSCAR > RODEAR > ENCONTRAR > DESENCONTRAR >

Daniela Avelar

Resumo: Partindo de questionamentos sobre a atuação do artista enquanto pesquisador, a presente comunicação busca investigar os conceitos de pesquisa, encontro, coleção, busca e desencontro como correlatos e desse movimento como inquietação do artista.

Palavras-chave: coleção, pesquisa, artes visuais.

Abstract: From questioning artist's actions meanwhile researcher, the present communication intends to investigate the concepts of research, encounter, collection, search and mismatch as related and this movement as artist's restlessness.

Keywords: collection, research, visual arts.

Cildo Meireles, em uma entrevista concedida a Frederico Morais, define aquilo que seria intrínseco a todo artista: “o artista, como o garimpeiro, vive de procurar aquilo que não perdeu” (Morais, 2009, p. 50). Tal lembrança faz referência ao trabalho *Resposta* (1974), de Cildo (Figura 1), cujo título pode ser lido na parte externa da caixa e, internamente, uma placa grava a frase “Não está aqui o que você procura”. Experimenta-se aqui sensação semelhante ao desenvolver uma pesquisa. Todo pesquisador cria, ou delimita, um problema que ele mesmo precisa resolver, já o artista-pesquisador cria um problema sem solução, mas que vai apresentar caminhos a serem seguidos.



Figura 1 - Cildo Meireles, *Resposta*, 1974

Pensando a pesquisa enquanto busca, Maurice Blanchot, em *A Conversa Infinita*, reflete sobre esse caminho percorrido: “Encontrar é tornejar, dar a volta, rodear. [...] Aqui não existe nenhuma ideia de finalidade [...] Encontrar é quase a mesma palavra que buscar, que diz: ‘dar a volta em’.”(2001, p.63-64). A pesquisa, enquanto ato, é sinônimo de busca e tem como desejo de resultado o encontro – o que seria diferente de seguir objetivos e buscar soluções para problemas. Para tanto, algumas questões podem ser postas em relação ao encontro: O que é? Como acontece? O que o possibilita? O que é possível? Seria achar ou perder? Seria uma relação ou uma justaposição? Acontece pela aproximação ou pela diferença?

Blanchot discorre sobre o movimento de circularidade que parte da ação do encontro enquanto relação, troca, diálogo, linguagem e comunicação, passa pelo desencontro e retorna ao ponto inicial da busca. São diversas suas possibilidades: entre pessoas, a partir de um convite; ao se deparar ou esbarrar alguém; no sentido místico ou religioso; amoroso ou no sentido de aproximação e coletividade criada por semelhanças. A partir deste último sentido é possível conceber a ideia do encontro como coleção.

Podemos pensar as coleções como modo de ordenação e classificação por meio da delimitação de um assunto ou objetos a serem reunidos: arte, discos, selos e assim por

diante. Contudo, algumas coleções se estruturam a partir de recortes subjetivos e particulares definidos pelo colecionador. Esse tipo de coleção se constrói como invenção de um mundo pautado pelo desejo ou “necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade”. (Maciel, 2009, p.16) É por essa perspectiva da coleção, enquanto processo de pesquisa e estruturação da obra, que se configuram trabalhos como *Atlas*, de Gerhard Richter (Figura 2) e na série de livros *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares (Figura 3).



Figura 2- Gerhard Richter, *Atlas*, 2010. Reprodução: Site oficial do artista.

Atlas, de Gerhard Richter possui uma estrutura de organização enciclopédica, tal qual um mural de referências ou uma parede de ateliê, o artista compila uma série de referências para a produção de suas pinturas, como fotografias, postais, recortes de jornais e revistas, testes de cores e rascunhos que coleciona desde a década de 1960. Sem nenhum tipo de informação para além das imagens, realidade e ficção se embaralham quando o artista mistura fotos antigas de seu arquivo pessoal com outras coletadas em jornais e revistas. A coleção deixa de ser apenas um conjunto de referências e se configura como obra ao ser editada em livro e exposta em centenas de molduras organizadas por conjuntos.

Gonçalo M. Tavares em *O Bairro*, cria uma espécie de história ficcional da literatura demonstrando o desejo em alterar e reconstruir parte dela. O bairro é uma série composta por 10 livros, sendo cada livro a casa de um escritor diferente. Personagens como Sr. Calvino, Sr. Valéry e Sr. Brecht são apresentados por uma escrita inspirada no universo dos mesmos, construindo narrativas que parecem partir do pressuposto “conhecendo Calvino por sua literatura, como seria ele na vida real?”. Tavares cria situações que seriam impossíveis na realidade e, mesmo na ficção, improváveis entre esses escritores que habitam e convivem no mesmo bairro. Aqui, o sentido de coleção se origina no acervo bibliográfico particular do autor a fim de criar uma nova coleção que parte de critérios subjetivos e afetivos.

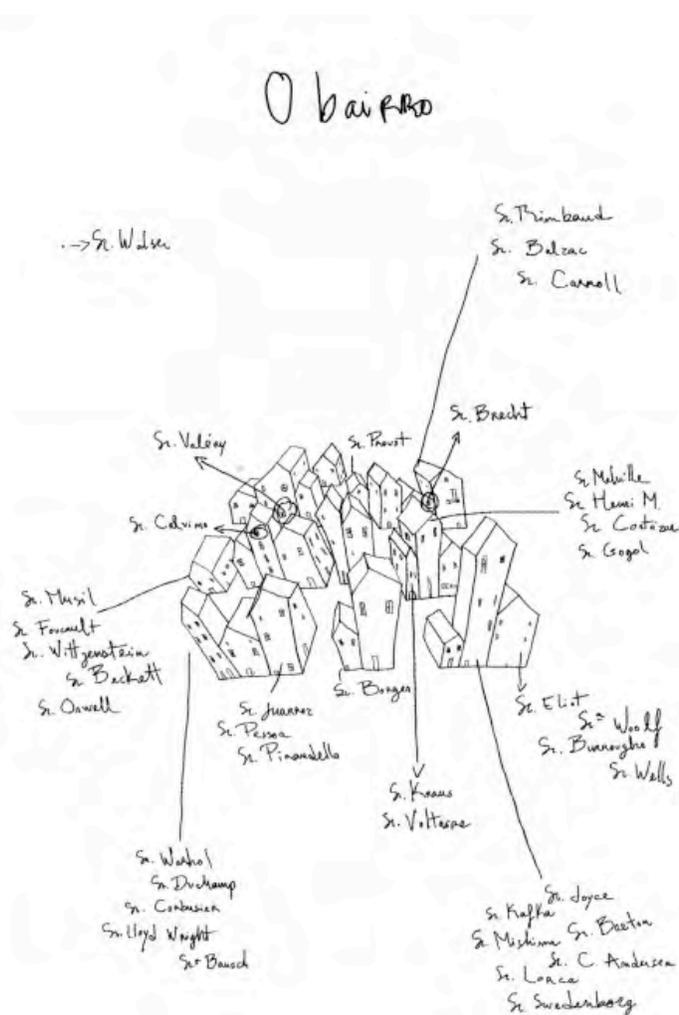


Figura 3- Rachel Caiano, ilustração para a coleção *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares, 2005.

Nesse sentido, a coleção (enquanto seleção, organização e reflexão) pode ser

pensada como uma curadoria, ou seja, uma ação promotora de encontros. Com isso, podemos entender a atividade do artista como de um colecionador e promotor de encontros ao considerarmos que sua atuação não se encerra na produção de obras, mas se expande para toda a rede de articulações que cria ao seu redor. Desse modo, as ações do artista e os cruzamentos das iniciativas realizadas simultaneamente no cenário cultural encontram eco no conceito de artista-etc proposto por Ricardo Basbaum:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc) (2013, p. 167)

O artista, enquanto agente cultural de múltiplas atuações tem suas demais ações refletidas em suas práticas artísticas. Um artista-etc atua e percebe o cenário artístico por meio de sobreposições que se organizam para além do pensamento de um artista-artista.

Para além da vida prática no capitalismo, o artista que se desdobra em múltiplas frentes o faz por inquietação e pelo desejo da busca, do encontro. E não só realiza buscas que constroem seus trabalhos, mas também o rodear acontece para que possam estabelecer seu lugar enquanto artista. Nesse movimento, muitos deles passam a entender sua atuação fora dos percursos e espaços tidos como tradicionais por lógicas que ultrapassam as necessidades de validação curatoriais ou institucionais.

Como sugere Blanchot, a busca se direciona para o desvio como uma errância, como desencontro com intenção do encontro:

- Eis, então, de novo, a estranheza desta volta em direção a... que é o desvio. Quem quer avançar, deve se desviar, o que resulta numa estranha andada de caranguejo. Seria este também o movimento da busca?
- Toda busca é uma crise. O que é procurado nada mais é do que o giro da busca, que faz acontecer a crise: o giro crítica. (2001, p.72)

Se toda busca parte da inquietação (pois aquele que está em paz não se movimenta) a sensação de desassossego e o desejo de encontrar algo que não está dado, impulsiona o movimento dos artistas rumo às coleções-etc e buscas sem fim

Referências:

BASBAUM, Ricardo Roclaw. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita.* São Paulo: Escuta, 2001.

CALDAS, Waltercio. *Manual da ciência popular.* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. *O Senhor Henri e a enciclopédia.* Alfragide: Caminho, 2005.

_____. *O Senhor Valéry e a Lógica.* Alfragide: Caminho, 2005.

_____. *O Senhor Juarroz e o pensamento.* Alfragide: Caminho, 2005.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MORAIS, Frederico. *O artista, como o garimpeiro, vive de procurar aquilo que não perdeu.* In: SCOVINO, Felipe (org.). In: *Cildo Meireles.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.